

Freud

Piaget e Jung encontraram-se de novo. Recomeçaram a discussão. Nisto, um porco, surgiu na margem do Nilo e exclamou: “money, poney, honey!” Jung torceu o bico e desapareceu visivelmente irritado. Piaget voltou-se para o porco e perguntou-lhe: “que queres dizer com isso, Freud?” “Vim acabar com a vossa discussão, respondeu o porco. Sou o árbitro final! Sabes que mais? No fundo todos queremos “money”, para sermos um “poney” e podermos comer “honey”. É isso, apenas isso. Ou seja, traduzindo: precisamos sempre de dinheiro, para sermos ganhões elegantes e comeremos o mel!” Piaget enervou-se e dirigiu-se à margem onde o porco se encontrava. “Merecias que te comesse, maldito Sigmund!” “Sim, bem sei que é isso que queres fazer, Piaget, mas não podes, lindo! Lembras-te de um dos teus arqui-inimigos, o Russell? Ele já dizia que não se imagina a vida sexual sem corpo, é o nosso caso, aparentemente temos corpo, mas descobri que somos apenas almas! Contenta-te. De resto tens razão: sou mesmo um porco, no sentido que deste sempre à vida. Criaste uma psicologia tipo «das bonecas sem sexo». Pior: estudaste os teus próprios filhos, não foi, Piaget? Sabes que mais? Querias «conhecer» os teus filhos, de uma forma bíblica, ou não?” Piaget soltou uma espécie de ronco enfurecido. “Penso que Jung tem razão quando fala de ti, Sigmund! És um obcecado pelo sexo!” “Não, Jean, não sou. É espantosa a tua candura, ao dizeres isso. Deixa-te de histórias! Somos todos obcecados pelo sexo, não apenas eu. Queres falar de sexo comigo, ficas melhor, ou preferes fingir que não pensas nesses assuntos e satisfazes-te falando do que fazes sem que os outros saibam? Pareces um modelo de lógica e racionalidade; mas sei muito bem que desejas estados de êxtase, para além dos limites da razão.” Piaget arfou e não respondeu. Sigmund, reencarnado porco, soltou um prolongado grunhido e afastou-se da margem.

Carlos Mota